

## DIÁLOGO ENTRE A PEDAGOGIA DOS MULTILETRAMENTOS E DO LETRAMENTO CRÍTICO NO ENSINO DE LÍNGUAS

Patricia da Silva Oliveira\*  
patyverediano@hotmail.com  
Leandra Ines Seganfredo Santos\*\*  
leandraines@unemat.br

JESUS, Dánie Marcelo de; CARBONIERI, Divanize (Orgs.). **Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas**. Campinas, SP: Pontes, 2016. 188 p.

O livro *Práticas de multiletramentos e letramento crítico: outros sentidos para a sala de aula de línguas* é fruto de uma organização de trabalhos proposto pelo doutor em Linguística Aplicada e coordenador do Programa de Pós Graduação em Estudos da linguagem da Universidade Federal do Mato Grosso, Dánie Marcelo de Jesus, como também, da professora de literatura de língua inglesa efetiva na Universidade do Estado de Mato Grosso, Divanize Carbonieri.

Dessa forma, a obra abriga em seu bojo uma coleção de oito artigos escritos por especialistas, mestres e doutores. Para melhor compreensão, os textos são divididos em duas partes: ‘Questões teóricas sobre letramentos’ e ‘Letramentos e ensino de línguas’. No primeiro momento, encontramos o trabalho ‘Panorama sobre letramento crítico’, de autoria de Hilary Janks e o texto ‘No tabuleiro do professor tem...letramento crítico?’, produzido por Clarissa Menezes Jordão.

No segundo momento, nos deparamos com as pesquisas ‘A avaliação da aprendizagem de línguas e o letramento crítico: uma proposta’, de Ana Paula Martinez Duboc, ‘Para além do discurso do fracasso: os sentidos da aprendizagem de alunos de língua inglesa de uma escola pública’, dos autores Dánie Marcelo de Jesus e Tiago Borges de Lima, ‘Ensinando inglês na escola regular: A escolha dos caminhos depende de onde se quer chegar’, produzido por Leina Jucá, ‘Descolonizando o ensino de literaturas de língua inglesa’, da autora Divanize Carbonieri, ‘Por uma pedagogia translíngua para o ensino de línguas’, do autor Fernando Zolin-Vesz, e por fim ‘Tecnologias digitais e educação crítica em língua estrangeira: um

---

\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop), Brasil.

\*\* Doutora em Estudos Linguísticos, professora da Pós-Graduação em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop), Brasil.

relato de experiência à luz dos letramentos’, das autoras Cláudia Hilsdorf Rocha e Eliane Fernandes Azzari.

Embora os organizadores tenham sugerido tal divisão, averiguamos que as referidas pesquisas se tocam em vários momentos, tecendo um belíssimo trabalho que desnuda e problematiza o ensino de línguas na contemporaneidade. Por isso, optamos por demonstrar ao leitor/pesquisador os principais pontos e os diferentes olhares teóricos à eles direcionados, sem que, necessariamente, estejam na ordem apresentada.

Para iniciar, a obra em questão traz em seu prefácio, escrito por Bill Cope e Mary Kalantzis<sup>1</sup>, uma breve abordagem acerca da origem teórica da pedagogia dos multiletramentos. Essa abertura é relevante para compreendermos as inquietações motivadas pelas mudanças tecnológicas e comportamentais que levaram um grupo de dez teóricos especialistas em linguística e educação a se reunirem e debaterem o papel do letramento naquele contexto, o nomeado *New London Group*. Mas também, observamos que na referida reunião de 1994 o grupo inovara a forma de discussão acadêmica utilizando os recursos tecnológicos disponíveis e escrevendo de forma colaborativa.

A partir de então, vislumbramos nos estudos linguísticos a compreensão do conceito de letramento como prática social, por isso, múltiplo, cultural, e de formas variadas, conforme o contexto e o grupo social que os praticam. Dessa forma, os organizadores Jesus e Carbonieri, na apresentação do livro, nos chamam a atenção para a necessidade de ofertar “lentes” para que os alunos desenvolvam competências letradas nas variadas formas de linguagem concomitante com a manutenção da ética e cidadania.

Por meio do prefácio e da apresentação da obra o leitor pode identificar o objetivo do livro: o entrelace teórico entre os multiletramentos e o letramento crítico na sala de aula. Interessante ressaltar que os autores não sugerem um modelo de planejamento ou sequência didática, mas “alternativas” para o ensino de línguas na era digital, cabendo aos professores questionarem e refletirem criticamente o seu modelo de ensino.

Embora, na primeira parte, haja um aprofundamento maior da teoria do letramento crítico (LC), na segunda parte outros teóricos retomam o referido conceito sobre outras óticas. A exemplo disso, Janks avalia que trabalhar na perspectiva do letramento crítico é fundamentalmente levar em conta a relação da linguagem com o poder, diversidade e o acesso. Nesse sentido, para a mesma autora, é por meio da linguagem que os diferentes grupos sociais hierarquizam e desvalorizam saberes, práticas e costumes, assim, Jordão

---

<sup>1</sup> Professores do College Education, Universidade de Illinois, Urbana-Champaign, Estados Unidos.

considera importante que os docentes e discentes tomem consciência do seu papel ativo nessa relação de valorização e desvalorização. Por isso, Duboc argumenta que mais que identificar esses sentidos presentes nos textos, ao leitor cabe questionar qual é o seu posicionamento acerca do posicionamento do outro, “por que pensa como pensa”.

Ainda nesse diálogo teórico, Rojo (2009) em seus trabalhos afirma que não há como dissociar o letramento de cultura. Desse modo, Janks reflete que para o LC a variedade cultural e de práticas colaboram para construções hierárquicas. Jesus e Lima ressaltam ainda que a pedagogia dos multiletramentos, igualmente, requer a compreensão docente da linguagem como “manifestação ideológica”. Neste contexto, Jordão considera que o professor, juntamente com os seus alunos, necessita promover reflexões críticas acerca das variedades de práticas e de sentido para que, nas palavras de Duboc, saiba com ela viver.

Por esse caminho, a nós é sabido, e por Rojo (2009) corroborado, que na maioria das instituições escolares há a valorização restrita da norma culta e dos cânones literários, mas que os novos estudos do letramento têm investigado com maior afinco as práticas sociais marginalizadas. Sob o olhar de Janks, esse cenário é um terreno fértil para o LC, pois ao analisar o currículo da instituição, professorado e alunado poderão promover discussões sobre “quem se beneficia com essas decisões”.

Após estas esclarecedoras observações acerca das práticas docentes alicerçadas no letramento crítico, a maior ênfase da segunda parte está na junção das duas teorias à dinâmica da sala de aula. Nesse jogo, nos deparamos com um tema que a própria autora, Duboc, julga “complexo e multifacetado”: a avaliação. Nesse caminho, consideramos que a diversidade tão valorizada no LC e que na visão de Rojo (2009) não teve tanto enfoque na abordagem dos multiletramentos pelo *New London Grup*, é por Duboc posto no centro da avaliação, haja vista que sob a influência dos campos de estudos da Sociologia e da Teoria Social “o currículo escolar dá boas-vindas à diversidade, à multiplicidade, à subjetividade”.

Interessante notar que até este momento da obra, dos três primeiros artigos das autoras Janks, Jordão e Duboc, observamos que sob o prisma dos estudos dos novos letramentos o enfoque está centrado no que o ‘professor deve’ e o ‘aluno necessita’, mas nos artigos subsequentes é possível verificar o que ‘o professor fez’ e ‘os alunos demonstraram como resultado’, ainda na perspectiva dos letramentos, desmistificando para alguns, talvez, que o docente não precisa ser um super herói e nem os alunos seres super dotados para juntos construir conhecimento e respeito além de serem sujeitos autônomos e cidadãos responsáveis pelos efeitos que produzem.

Por esse viés, o artigo de Jesus e Lima e o de Jucá relatam experiências pedagógicas de língua inglesa (LI) no ensino regular da escola pública. De igual modo, as duas pesquisas problematizam o que parece ser um conceito estabelecido de que não é possível aprender a LI no sistema público. Dessa forma, Jesus e Lima colocam como ponto principal o deslocamento do referido conceito por aprendizes do ensino público para que eles reflitam a sua própria aprendizagem, enquanto Jucá coloca em voga a importância da conscientização dos objetivos de se aprender uma língua estrangeira na escola para que, assim, o docente escolha o melhor caminho para se chegar ao alvo pretendido.

Como já mencionado, os trabalhos não ficam somente no campo teórico, mas retratam também a prática. Vale ressaltar ainda que um leitor/pesquisador atento poderá vislumbrar de que forma as práticas multiletradas dialogam com a perspectiva crítica em um casamento perfeito. Por esse caminho, citamos o exemplo dos caminhos percorridos por Jesus e Lima para alcançar o objetivo traçado, o deslocamento de sentido. Por meio de um projeto colaborativo que envolveu um grupo de alunos do Brasil, do Sri Lanka e dos Estados Unidos, a eles foi proposta a criação de vídeos, fotos e troca de mensagens entre os referidos grupos para a realização das atividades.

O que nos chamou a atenção neste empreendimento foi o contato entre as diferentes culturas proporcionado pelos canais digitais de informação e comunicação que respalda na afirmação de Jucá de que o principal objetivo do ensino de língua estrangeira é possibilitar ao alunado a percepção da posição do outro para que questione as suas próprias posições relacionadas aos variados assuntos.

Neste contexto, Jucá retoma a não neutralidade dos textos que Janks já abordara nos primeiros capítulos. Sob esse mesmo aspecto, Zolin-Vesz em contexto do ensino da língua espanhola e questionando a noção de erro na aquisição de língua estrangeira (LE), critica o ensino de LE pautado na estrutura e memorização de vocábulos, haja vista que tal postura implica exclusão do contexto social e cultural no ensino da língua. Por esse mesmo viés Rocha e Azzari tomam posse das tecnologias digitais de informação e comunicação (TIDIC) como “mediadora” da construção de visões do mundo e das coisas, portanto, uma grande aliada no ensino de línguas.

Carbonieri, no contexto acadêmico do ensino de literatura de língua inglesa, comunga com a visão dos autores de um ensino de línguas com vistas à diversidade. Nesse âmbito, a autora questiona a incorporação restrita dos clássicos da literatura de LI no currículo com abordagens que priorizam a análise das escolas literárias, seus períodos e respectivas características, deixando à margem as literaturas nomeadas por ela de “pós-coloniais”, no qual

contribuiria para uma possível desconstrução da visão “eurocêntrica” que, na maioria das vezes, afirma a exclusão e o preconceito.

Por tudo que até aqui resenhamos, consideramos que as práticas de ensino apresentadas na segunda parte estão ligadas aos três eixos expostos por Janks na primeira parte da obra: o poder, a diversidade e o acesso. Esse enlace de pensamentos e propostas é visto por nós como exemplo de trabalho colaborativo para o (re) pensar do papel da linguagem, sua complexidade e possibilidades, não apenas para a formação cidadã dos alunos, mas também para o surgimento de inquietações acerca de nossas próprias posições e construções de sentido.

Vale destacar que a postura tomada pelos autores em não ofertar “modelos prontos” de ensino, foge ao risco de engessar o docente em uma única prática. Nessa direção, embora as experiências abordadas se relacionem ao ensino de língua estrangeira e literatura no ensino superior e regular, não impedem que os docentes utilizem sua criatividade aliada aos seus objetivos em outros contextos de ensino. Por fim, acreditamos que o livro em foco, revestido de uma linguagem de fácil acesso, torna-se uma interessante fonte de conhecimento e possibilidades para pesquisadores e docentes que tomam para si o compromisso social a que estão fadados.

#### **Referência:**

ROJO, Roxane. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

Recebido em 10 de março de 2018. Aprovado em 17 de maio de 2018.